

15 JUN 1985

Certos no torto

6con. Brasil

Dos empresários brasileiros, representados ontem na Granja do Torto, o presidente José Sarney recolheu "interessantes pontos a ponderar" sobre a magna questão da taxa de juros. A discussão do chamado "custo do dinheiro" centraliza o debate nacional em torno dos vazios e dos desvios da economia em transe: do "déficit" público ao arrocho monetário, da inflação interna à dívida externa, da sobrecarga fiscal à política salarial, da reforma agrária à reforma sindical, do controle dos preços ao descontrole dos juros, da reativação da economia à desaceleração das estatais.

Posição do setor privado: o congelamento dos preços sem o tabelamento dos juros é uma impropriedade de físcia aplicada. Na economia movida a crédito e não a capital, o custo financeiro da produção deve ser automaticamente repassado para o preço final do produto.

Com o recado do empresariado "cipado": se a taxa de juros permanecer no alto e em alta, o negócio é fazer do juro um aliado e não mais um inimigo. De que maneira? Desativando parcialmente a produção e aplicando o recurso desmobilizado no sistema financeiro. Ou nos títulos do próprio governo, com ganhos reais acima da correção agora situada acima da inflação.

Elementar: o agente econômico tende a sair da posição de devedor para a condição de credor do sistema sem juízo.

O presidente José Sarney

participa da unanimidade nacional: é preciso amainar a febre alta dos juros. Até por que, o maior devedor da praça é o próprio governo, com um "papagaio" pré-histórico de Cr\$ 145 trilhões, a um custo de Cr\$ 15 trilhões na "virada" do mês. Ou se preferem: o governo acorda todo dia Cr\$ 500 bilhões mais pobres.

O presidente não é economista, mas já matou a charada financeira: baixar o juro é baixar a dívida que alimenta o "déficit" que provoca a dívida que inflaciona o juro.

Charada do lado de lá

A discussão sobre a taxa de juros desagua na redução forçada do "déficit" público. Uma promessa que o governo deve não ao FMI, mas ao povo brasileiro, que paga essa conta enquanto contribuinte, consumidor ou trabalhador nas promissórias ocultas da tributação, da inflação, da recessão.

No interior do governo, o presidente Sarney descobre-se na linha do fogo cruzado de um conflito político que começa por um tiroteio acadêmico. Para o ministro João Sayad titular da política orçamentária, a queda natural dos juros depende de uma decisão de política monetária: o afrouxo do crédito ao setor privado, fator de produção fortemente arrochado.

Na contramão, o ministro Francisco Dornelles, titular da política monetária, sustenta que a queda natural dos juros aguarda uma decisão de política orçamentária: a redução cirúrgica dos gastos

do governo, que passaria a endividar-se menos no mercado financeiro, aliviando a pressão altista dos "preços" do dinheiro.

Todos estão com a razão

Na linha de João Sayad, o crédito menos curto esquentaria o motor da produção. E menos caro, esfriaria o custo do produto. A economia voltaria a crescer de 6% ao ano, com carestia em declínio.

Até aqui, o aparelho produtivo asfixiado faz doação de sangue ao sistema financeiro encorpado — no sentido hidráulico da coisa. O Banco do Brasil, gigante do ramo, ostenta lucros de Cr\$ 4 trilhões de janeiro a maio. Um resultado três vezes maior, em termos reais, que ao apurado no mesmo período do ano passado. Com um detalhe acachapante: a oferta de crédito ao setor privado expandiu-se de apenas 26% para uma inflação de 62% nos cinco meses.

O banco ganhou bem mais sobre muito menos.

Para o ministro Dornelles, a escalada dos juros deriva menos do arrocho monetário e mais do afrouxo orçamentário — devolvendo a bola quadrada ao ministro Sayad por sob a mesa do presidente Sarney.

A Fazenda recomenda um corte de até Cr\$ 45 trilhões no orçamento globalizado das estatais. Sem essa cirurgia, sem anestesia, a febre dos juros, sob pressão dos títulos públicos, penetrará na órbita do planeta Júpiter, ela que já está no mundo da Lua. Na Seplan, dona do bisturi, fala-se em corte de Cr\$ 23 trilhões, no máximo.